

Exposição “Metamorfoses Ambulantes” Zoé Dubus, julho de 2024

— Texto crítico de Ademar Britto

“Ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio, pois quando nele se entra novamente, não se encontram as mesmas águas, e o próprio ser já se modificou ...” a citação do filósofo pré-socrático Héraclito de Éfeso fala de um devir e impermanência, o que na vida cotidiana se reflete nas mudanças diárias que atravessam cada um de nós.

A exposição “Metamorfoses ambulantes” da artista francesa Zoé Dubus é resultado de pesquisa e imersão cultural em três países: França, Bolívia e Brasil. Ela explora mudanças que ocorrem da infância à maternidade como metáforas, em um mosaico visual. Com um olhar sensível e profundo, toma como inspiração a música dos anos 70 de Raul Seixas (1945–1989) para refletir sobre transformações que atravessam a vida.

Levando em conta pessoas do seu círculo social, mães e filhos aparecem retratados como tema central das pinturas, usando como principal referência as clássicas “madonas”, bastante populares da história da arte. Com formação na Escola de Artes Visuais La Cambre, em Bruxelas, teve contato com a produção de diversos artistas renascentistas locais que serviram de inspiração para suas composições, como Hans Memling (1430–1494), notório pelos seus retábulos de figuras nobres e religiosas. Já no Brasil, ela ingressa na Escola de Artes Visuais do Parque Lage em 2011, quando troca o 10^{ème} arrondissement de Paris pelo Morro do Vidigal e é embebida na excentricidade da arquitetura popular, geografia única e de grandes contrastes do Rio de Janeiro. Para além de outras experiências, selecionei duas madonas para contextualizar que no trabalho de Zoé o tradicional se reinventa, tropicaliza, vira absurdo, onírico e, sobretudo, colorido.

Ao escolher diversos meios para produzir tais imagens, Dubus mescla a técnica da pintura tradicional a óleo com a tinta acrílica, colagem analógica e bastão oleoso, criando composições complexas que atravessam diversos gêneros da pintura como abstração, natureza-morta, paisagem e retrato. Da mesma maneira que no trabalho de Memling, a artista dá atenção especial para os planos, simbologias e perspectivas, como visto nas janelas que se debruçam para um mundo surreal que mescla o dia com a noite, chuva e sol, outono e inverno, assim como nas colunas que ganham releitura moderna, com azulejos de padronagens diversas, cores quentes que corroboram o clima idílico da composição.

O uso de uma paleta vibrante captura nuances sutis de expressão e emoção apresentando arquétipos imbuídos ambos de força e vulnerabilidade. As texturas e os contrastes de luz e sombra criam uma atmosfera envolvente e convidativa, levando o espectador a contemplar as histórias silenciosas que cada obra conta como exercícios de reflexão. A presença da natureza é frequente nas imagens, com borboletas (símbolo didático da metamorfose), cobras, animais silvestres e domésticos, árvores, flores e frutas que historicamente são símbolos com diversos significados como renascer, transformação, fertilidade e juventude. Outro elemento é a água que aparece como gotas, bolhas, poças, rios, tendo até algumas cenas a sensação de estarem imersas em água, remetendo por exemplo ao fluxo contínuo de líquidos essencial da vida, da troca da amamentação, da fertilização, do regar.

As localidades por onde a artista passou durante a produção da exposição contribuíram não apenas como formalização pictórica, mas também como experiências culturais que transformaram o seu modo de ver as pessoas e o Mundo e a si mesma. A atenção dada ao retratar pessoas revela sua profunda empatia e apreço pela condição do outro.